

Marcus André Vieira

Quem não conhece os primeiros acordes da quinta sinfonia de Beethoven? "Tcham-tcham-tcham Tchaam... E novamente: Tcham-tcham-tcham TCHAAAM...

As maiúsculas e reticências são o que de melhor se pode fazer no plano do texto para traduzir o intenso resultado dessa sequência sonora. Creio que ela se presta à maravilha para presentificar o efeito do que Lacan chamou de pulsão *invocante*. É uma experiência de certeza. Somos intimados, mesmo que não se saiba bem por quem nem para quê. Foi com relação a essa exigência cega e sem corpo que a análise permitiu uma modulação, uma pequena separação que mudou minha história.

Essa invocação é o que Lacan chama de "a presença do Outro" sob sua forma vocal, solicitando-nos no mais íntimo de nosso desejo. É como retoma a pulsão freudiana, como o movimento desencadeado em nós pelo Outro, que se materializa em quatro objetos típicos: oral, anal, visual e auditivo. Eles definem quatro eróticas que constituem uma distribuição primeira, nada exaustiva, do modo como mobiliza-se nosso desejo. Declinam o tudo ou nada de um objeto a ser consumido, no objeto oral; a negociação em torno de um objeto de dádiva, na pulsão anal; a apreensão de si como capturado por um olhar e finalmente, a presença da alteridade no coração da subjetividade, sem forma ou origem clara, apenas voz.

Dentre elas, a voz tem a particularidade de ressoar tão dentro que, paradoxalmente, já não se sabe exatamente de onde viria. De fato, o som nos afeta sempre nas ondas sonoras conduzidas pelo ar que penetra em nossos ouvidos e ao mesmo tempo por condução óssea, pois o crânio (assim como o corpo todo) é igualmente mobilizado pelas ondas sonoras e vibra por ação delas. É o que Lacan dramatiza ao lembrar que os ouvidos são os únicos orifícios do corpo que não podem ser fechados a não ser por ajuda externa.

O importante é destacar como, por esta razão, a presença vocal do Outro mais que qualquer outra exige resposta. Do contrário, nos perdemos de nós mesmos por apagamento da fundamental diferença entre eu e Outro. Não é à toa que essa presença tenha sido quase sempre tomada como divina ou demoníaca. Freud preferiu aproximá-la de seu conceito de supereu que para o bem ou para o mal exige ação, gozo nos termos de Lacan.

A resposta do sujeito, vital para a estabilização de uma distância mínima, passa pela estruturação inconsciente, ao longo da história, de uma matriz de leitura do mundo, a *fantasia*. No meu caso, em seu cenário repetitivo ela estipulava que a identidade do Outro primordial tinha pouca importância, pois sua exigência seria apenas agitação aleatória sem razão ou intenção. Em vez de pai exigente, ou cruel como no caso do homem dos ratos, ou das súplicas de uma mãe carente, ou ainda os gemidos do casal parental no quarto ao lado, o supereu me aparecia com as feições das crises de

[♦] Este texto foi produzido a partir de uma das notas redigidas na sequência de meu terceiro testemunho como AE, apresentado na Delegação Paraná da *Escola Brasileira de Psicanálise* e comentado por Marcelo Veras, em outubro de 2013. Publicado originalmente em espanhol como: Vieira, M. A. Trademarks. *Enlaces*. Buenos Aires, Grama ediciones, ano 16, nº 20, 2014, p. 128-131.

agitação dos pacientes da clínica psiquiátrica de minha família, onde passei os momentos mais intensos e vivos de minha infância.

Tudo me levava a crer que o real da pulsão se apresentava fora da fantasia, em sua essência mais primitiva, desencarnada, do grito na crise, que seria tal como um trovão, pura força da natureza. Esse foi meu engano.

O engano neurótico geral é acreditar que por trás de cada um dos desejos que nos constituem haveria uma intenção definida, um sentido oculto, chave do por que somos tão malfeitos. Ocorre que a intenção original dos desejos que sobre nossos corpos incidiram não será jamais acessível, pois escapa até a seus donos. Somos feitos da marca contingente dos desejos os mais variados, sem sentido último. Meu engano particular era me acreditar desenganado, livre das figuras habituais de apresentação do real como se eu tivesse vivido em contato direto com ele. Em vez de desenganado, ao contrário, duplicava-se para mim o desconhecimento neurótico do real - esquecia-me que, para quem fala, o real nunca é apenas *tsunami*, mas sempre presença de um desejo, mesmo se louco.

A análise veio dar presença subjetiva ao trovão. Descobri então como ele estava comigo todo o tempo, por exemplo, como exigência surda de trabalho ou na busca perigosa dos extremos. Só em um segundo momento foi possível encontrar-me com outra coisa, restos de mim mesmo, aqueles instantes em que havia experimentado algo fora do campo da fantasia e de suas respostas rígidas. Apresentaram-se figuras de um gozo não submetido ao imperativo materno de ser o brilhante e agitado menino que um dia se imporia ao real da loucura, e do trovão que haviam ficado até então ocultas. Estes pequenos momentos em que pude apenas entregar-me ao vivido sem trabalho e sem temor compuseram uma colagem que mantive fragilmente coesa com um apelido de minha infância, *miquito*.

A coesão precária foi essencial, e o analista decisivo por mantê-la dessa forma, ao fazer obstáculo a torná-la apenas uma forma identitária suplementar. Não a assumi como nova *persona*, o que talvez só me lançasse no avesso dos meus enredos sem introduzir algo novo. Mantendo *miquito* como colagem e não personagem, pude ir explorando, para cada uma de suas vivências fragmentadas a presença do Outro como marca de um desejo singular a cada vez, a que pude dar lugar e reconhecer.

Foi possível assim ir declinando o modo como eles haviam deixado um traçado que não era exigência, apenas conjunto instável de marcas contingentes e que não exigiam, portanto, resposta.

Revivendo esses encontros pude perceber o quanto seu efeito não tinha sido apenas traumático, abuso da criança do ser pelo adulto da linguagem. Eles constrangeram, retiraram de fato, do corpo um gozo, mas é essa mesma extração que parcializa, localiza o absoluto da pressão vital que nos excede e a torna compatível com a vida. A vida só seguirá nos caminhos recortados pela vida que não pôde, neles, caber.¹

Só com essa certeza pude tomar o traçado dos encontros com o Outro, agora sim, verdadeiramente no limite do dizer, sem intenção ou significado. Produziu-se então um desdobramento: a marca do Outro, que passo a chamar de *letra*, tanto me apareceu como inscrição de um texto, paixão do significante, quanto escoadouro vital, cadinho de gozo.² Tal como o elétron no acelerador de partículas (ou energia ou matéria, dependendo da posição do observador) ela era tanto sulco que define e estipula, letra *traço*, quanto *corda* que vibra - como as de um instrumento musical ou,

como prefere Lacan em seus últimos seminários, que produz *ressonância* (assemântica).

Essa letra de um gozo que não é ainda sentido e que tanto é linha quando corda ganhou lugar em minha análise. Veio concentrar-se na relação de meu pai com os muitos cachorros de que cuidava, mais especificamente na imagem de sua mão mordida quando tentava separar as brigas dos animais. Neste contexto, a mordida parecia apenas figurar a já conhecida figura fantasmática do Outro como força da natureza, mesmo se agora animal. Mas a imagem dizia mais, pois a mão mordida de meu pai só o era por *seu desejo* de pacificação. Havia ali um vai e vem pulsional, um “se fazer morder”, que mantivera oculto este desejo para mim até então. Era ele que havia tido uma incidência decisiva sobre mim, bem mais do que o dos loucos com quem convivera. Esse desejo de calar, que era também de “se fazer marcar” tinha sido mantido oculto, em silêncio, sob o recalque, mas havia mesmo assim se incorporado à injunção materna, pois dele era tributário o agitado *mosquito elétrico* (outro apelido de infância) que definira o eu. De fato, eu sempre saíra dos encontros voando rápido, acreditando assim não ser por eles marcado, iludia-me com a pobre gota que sorvera.

Muito depois da *mordida* ganhar este lugar central em minha análise, descobri o trabalho de Vito Acconci. Impressionou-me por razões mais que evidentes especialmente aquele que denomina *Trademarks*: o artista se morde para, a seguir, usar a mordida como carimbo, imprimindo-a em papel no que chamou de uma “Bíblia-pré-Gutemberg”.³ Talvez a ênfase no caráter auto-erótico desse gozo da mordida (pois é o artista que se morde) se distancie ligeiramente de minha experiência. Parece-me, porém, que são exatamente as várias dimensões da letra, que interessa a Vito Acconci na mordida. Elas se delimitam nas duas primeiras fotos da sequência abaixo. A primeira mimetiza o que Miller chamou de “choque inicial” da “inscrição da linguagem sobre o corpo”,⁴ a segunda da letra localizando esse encontro e definindo o centro do gozo no corpo e a terceira desta letra já tomada na rede de significações, inserida em uma estrutura e tornada significativa, pela impressão publicada.



Retornando à minha análise: o espaço entre a *letratraço* e a *letracorda*, litoral do sentido, mas fora dele, foi a abertura para mim da possibilidade de viver de outro modo a repetição. O importante não é quem mordeu ou o que quis, mas sim o fato de que uma vez seu desejo traçado no corpo, um destino se definiu. Um destino, mas não uma destinação, pois muita coisa pode ser feita com um estoque finito de letras desde

que ele possa estar aberto ao infinito das possíveis composições com o que virá. A fantasia se mantém necessária, não mais como imposição e sim como base para os encontros com os desejos por vir.

A passagem de uma dimensão da letra para outra pode parecer histórica, de uma fase do desenvolvimento a outra, mas isso fecharia o espaço entre elas em uma pretensa continuidade. É exatamente o que minha análise me ensinou. Por isso ainda gostaria de aproximá-la, para concluir, pela analogia com a escrita. Uma está no plano da escrita como ato, expansão de um trilhamento constituinte; e a outra na vibração do ali constituído.

Como não se pode viver e transmitir o que se vive no instante do ato, sempre será preciso passar de uma dimensão à outra para se apreender o que do gozo faz corpo. Portanto, se no lugar da voz imperativa nos ouvidos e coração basta-me agora pressentir o rugir do sangue nas têmporas, se a exigência de perigo se revela, aqui e ali, só pressão da vida, nada me livra da necessidade de retornar à letra-texto para transmiti-lo para além do fulgor de sua singularidade. Sustentar esse estado duplo da letra em minha história foi o que me levou a cunhar *mordidavida*⁵ na conclusão de minha análise e que tento fazer, aqui, ressoar.

¹ É o que lembra J. A. Miller quando afirma que o significante tanto mortifica quanto vivifica o corpo e que levava Lacan a afirmar que “o corpo faz-se leito para o advento do Outro pela operação significante”, Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio e Janeiro, JZE, 2003, p. 337.

² Lacan, J. [1972]. “Lituraterra”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp.15-25.

³ Cf. Devo à Flavia Cera, a quem agradeço, aqui, por este encontro, entre outros.

⁴ Miller, J. A. *O ser e o Um*, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 25/5/11. Cf. Ainda “A linguagem deve ser apreendida no nível daquilo que se inscreve no corpo com efeito de gozo” (23/03/11), e ainda “O corpo é marcado pelo significante, ou seja, pela fala na medida em que ela se inscreve e que pode, então, ser representada por uma letra” (4/5/11). Na raiz, o significante vem percutir o real, vem percutir os corpos. Esse choque inicial introduz no falasser uma falha.

⁵ Cf. Vieira. M. A. *Mordidavida, Opção Lacaniana 65*, São Paulo, EBP, 2013.